

**Velhas Vozes e Novos Lugares:
O Diálogo entre a Cultura Portuguesa e Norte-Americana
numa Viagem de Eugénio de Andrade¹**

**João de Mancelos
(Universidade Católica Portuguesa, Viseu)**

Palavras-chave: Eugénio de Andrade, literatura de viagens, *tournée*, EUA, intertextualidade

Keywords: Eugénio de Andrade, travel literature, tour, USA, intertextuality

“Le véritable voyage de découverte ne consiste pas à chercher
de nouveaux paysages, mais à avoir de nouveaux yeux”.
Marcel Proust (1871-1922), *A la Recherche du Temps Perdu* (1913-1927)

1. Na outra margem do Atlântico

Foram mais de trinta dias, centenas de milhas aéreas, e cinco mil quilómetros de automóvel, para cruzar a América do norte, do oceano Atlântico ao Pacífico, numa jornada digna de Jack Kerouac (1922-1969), Bruce Chatwin (1940-1989) ou Bill Bryson (1951). Em 1988, Eugénio de Andrade (1923-2005) viajou através de florestas de sequoias quase tão antigas quanto os primeiros habitantes do continente; ao longo de intermináveis planícies, onde gerações de tribos ameríndias caçaram; e passeou pelas ruas de Brooklyn, que Walt Whitman amava. Nesse percurso, o escritor sofreu temperaturas escaldantes na Califórnia; uma atmosfera outonal na Nova Inglaterra; e ainda apanhou uma nevada digna do inverno mais rigoroso na fronteira do Canadá — várias estações concentradas em cinco semanas (Andrade, 1995: 187).

Foi uma jornada impressionante, mesmo para um poeta viajado e erudito, e Eugénio não tardou a escrever acerca dessa experiência. Ainda bem, porque, plasmando a paisagem e as gentes em palavras, nos legou um dos mais singulares relatos contemporâneos de uma *tournée* literária. Tais impressões de viagem, ora apreciativas, ora disfóricas, estabelecem um contraste nítido entre a realidade geográfica e sociocultural nosso país e a da América do Norte. Vinte anos depois da visita de Eugénio, essas notas, embora algo esquecidas pela crítica, permanecem polémicas e atuais.

¹ Mancelos, João de. “Velhas Vozes e Novos Lugares: O Diálogo entre a Cultura Portuguesa e Norte-Americana numa Viagem de Eugénio de Andrade”. *Diálogos Interculturais: Os Novos Rumos da Viagem*. Org. Clara Sarmiento. Porto: Vida Económica, 2011. 83-89. ISBN: 978-972-788-413-1

Para analisar a perspetiva deste escritor, pesquisei diversas fontes jornalísticas e poéticas que, em conjunto, permitem reconstituir os principais pontos de interesse da jornada, sem esquecer alguns deliciosos imprevistos. Refiro-me, concretamente, ao artigo “Eugénio On the Road”, de Alexis Levitin (1989: 14-15), publicado no *Jornal de Letras, Artes e Ideias*; a uma entrevista feita a Eugénio, recolhida na obra *Rosto Precário* (Andrade, 1995: 175-208); ao apontamento biográfico “Uma Casa para a Poesia”, de *À Sombra da Memória* (Andrade, 1993: 27-30); e a poemas alusivos a esta visita à outra margem do Atlântico (Andrade, 2005: 469-70, 500). São, pois, escritos ficcionais ou próximos, enquadráveis na literatura de viagens, onde o imaginativo convive frequentemente com o factual, a opinião com a História, e a poesia mistura as águas da verdade com as do fingimento (Disney, 1997: 121).

2. “Bárbaro e fascinante”

Eugénio de Andrade foi, a par de Casimiro de Brito (1938), Egipto Gonçalves (1920-2001) ou Isabel Cristina Pires (1953), um dos poetas portugueses contemporâneos mais viajados, tendo no seu passaporte carimbo de países de África, América, Ásia e Europa, com nítida preferência para as regiões mediterrânicas. Havia sempre uma boa razão para o escritor percorrer o mundo: a participação num encontro literário, o repouso, ou a procura das paisagens físicas e humanas que inspiraram autores diletos, como Virgílio (70-19 a.C.) e Horácio (65-8 a.C.).

Nesta viagem aos Estados Unidos e ao Canadá, o objetivo inicial de Eugénio e do seu companheiro de jornada, o tradutor norte-americano Alexis Levitin, era cumprir uma dúzia de leituras bilingues, da sua obra poética. Os espaços escolhidos incluíam clubes, associações, centros de arte, e as universidades de Santa Bárbara, Harvard, Brown, Albany, Columbia e Temple, nalgumas das quais existem departamentos de estudos lusófonos (Andrade, 1995: 187). As leituras foram frequentemente seguidas de debate, visando questões como a escrita, a tradução e o gosto literário. Trata-se, portanto, na tipologia proposta por Fernando Cristóvão, de uma *viagem erudita*, em que imperam a curiosidade intelectual, e a partilha de saber, em instituições vocacionadas para a arte e para o ensino da literatura (Cristóvão, 1999: 48-9).

No entanto, à margem desse contacto com os amantes das letras, ocorreram descobertas e imprevistos que concederam uma dimensão extraordinária à visita: o desafio de perceber outros valores e formas de ser. Tal cabe no âmbito da *alteridade*, um conceito ainda impreciso, porque complexo, mas comum no discurso pós-colonial. Descreve, de modo abrangente, o contacto, diálogo e interação entre indivíduos e culturas, refletindo acerca das

diferenças, semelhanças e relações. Neste cotejo intervêm aspetos como a língua, gestos, arte, religião, relações sociais, económicas e históricas (Krysinski, 1997: 238-239). Tal permite estabelecer, com possíveis equívocos e ampla margem para o subjetivo, a identidade do Outro. Em simultâneo, ao perceber o Outro e ao ver-se como tal, o Eu reconhece-se como um entre vários, e exercita a compreensão, através do contraste. Neste intercâmbio fluido e recíproco entre o Eu e o Outro, convivem receios e estereótipos, mas também imagens objetivas e interpretações científicas, que exprimem a curiosidade, repulsa ou atração pela diferença.

Na sua viagem pela terra do Outro, a imensidão da paisagem natural estadunidense foi o aspeto que de imediato mais impressionou Eugénio. Como recorda Peirce Lewis, aquilo que os norte-americanos têm a menos de história (do ponto de vista do colonizador, é claro) têm a mais de natureza (Lewis, 1990: 41). Impossível a um poeta telúrico permanecer indiferente a esta experiência, e Levitin alimentou esse gosto, ao escolher percursos junto a zonas emblemáticas do meio natural (o Mississípi e as cataratas do Niágara) ou urbano (como Nova Iorque ou Filadélfia). Nas suas palavras:

A caminho de Providence, em Rhode Island, passamos pelo meio da folhagem colorida do Outono, amarela, laranja e vermelha. Eugénio fica deslumbrado com as florestas intermináveis que existem aqui no Nordeste, a região mais povoada do país. Um amigo disse-lhe que na América não havia árvores, e agora verifica que na América só há árvores! (Levitin, 1989: 14)

Levitin tece ainda um comentário que revela um fenómeno curioso. Ao mostrar um país a alguém, também o anfitrião o contempla de forma mais atenta, perspetivando-se como o Outro, e reparando em aspetos até à época descurados: “(...) à medida que conduzo o meu visitante português de automóvel, de cidade em cidade, dou-me conta de como o meu país é vasto e pouco povoado. (...) Ainda é um país jovem!” (Levitin, 1989: 14).

Eugénio reparou nesta magnitude natural e menciona-a num belo trecho do apontamento biográfico “Uma Casa para a Poesia”: “(...) era outono na Nova Inglaterra, e toda a gente sabe como os seus bosques são o paraíso dos esquilos, e as árvores em Vermont e New Hampshire, com a chuva e o vento demorados, ardiam sumptuosamente, num luxo que, se não fora vegetal, seria intolerável” (Andrade, 1993: 27).

Por contraste, a paisagem urbana, de uma brutalidade inesperada, perturba-o: Eugénio sempre preferiu os espaços rurais ou marítimos, menos enxameados pelos turistas, e mais convidativos à introspeção, essencial ao labor de escrita. Levitin comenta: “Nova Iorque é um choque. Os traficantes de droga pululam na Oitava Avenida. De vez em quando damos com um mendigo que está deitado no chão, embrulhado num sobretudo roto e em jornais. A escuridão

da noite é ameaçadora” (Levitin, 1989: 14).

Eugénio transmite esta imagem negativa num dos seus textos mais celebrados, “Fim de Outono em Manhattan”, incluído no volume *Ofício de Paciência* (1994), surgido seis anos depois da visita aos Estados Unidos. Através da imaginação, o poeta viaja do estuário do Rio Hudson, à Itália de Virgílio e, por fim, à terra-natal, Póvoa de Atalaia:

Começo este poema em Manhattan
 mas é das oliveiras de Virgílio
 e de Póvoa de Atalaia que vou falar.
 É à sombra das suas folhas
 que os meus dias
 cantam ainda ao sol.
 A sua canção vem do mar,
 mas é com as cigarras e o trigo
 maduro que aprendem a morrer.
 O ar debaixo dos seus ramos dança,
 alheio à luz suja de Manhattan.
 (Andrade, 2005: 500)

O poema gera um contraste, não isento de saudade, entre o meio pastoril impoluto e o espaço urbano, resumido na expressão “luz suja”. Porém, os versos finais sugerem a sublimação, através do ato de contemplar o mundo vegetal, *limpando* o ser humano da asfixia citadina. Estas preocupações ecológicas de Eugénio já haviam sido expressas em poemas como “Ao Miguel, no seu 4º aniversário, e contra o nuclear, naturalmente”, onde demonstra um misto de aflição e desgosto por já não ser possível “pousar num rio os olhos de alegria” (Andrade, 2005: 247). Tal indignação não resulta de um modismo ou do desejo (que o poeta, de resto, nunca teve) de ser politicamente correto, mas sim de uma fidelidade à terra que permeia toda a sua obra, constituindo a sua linha temática mais vincada.

Se a metrópole mais populosa dos Estados Unidos, com oito milhões de habitantes, impressiona disforicamente Eugénio, este encontra, nos espaços típicos de certos bairros étnicos, como Brooklyn, ou nos parques verdejantes, algum conforto. Eugénio equaciona as visões antitéticas, e descreve a cidade nestes termos:

Quando Nova Iorque se parece com o que há de mais tranquilo e sereno e campestre em Londres ou em certos filmes de Woody Allen, e isso sucede por exemplo em várias ruas do Central Park, é um encanto; mas quando arreganha os dentes e mostra o ventre podre (e isso pode acontecer ao lado de Times Square ou da Broadway), então é um nojo. Tenho a impressão de que, se tivesse de viver nos Estados Unidos, mais facilmente escolheria São Francisco ou Boston, do que Nova Iorque. Ou então um lugar da costa do Pacífico, Big Sur, por exemplo. (Andrade, 1995: 188)

Imagine-se, pois, a surpresa de Eugénio ao encontrar, no coração da grande cidade, um dos seus animais favoritos, o esquilo. Dedicar-lhe este breve texto, quase apontamento, na sua proximidade à linguagem oral:

Por toda a parte, desde Washington
Square que os esquilos
me perseguem. Mesmo em Camden,
junto ao túmulo de Whitman,
vinham com o Outono
comer à mão. Mas é de noite
que mais me procuram: os olhos negros,
continhas acesas.
Agora vou deitar-me à sombra do rio
até um deles entrar neste poema
e fazer a casa.
(Andrade, 2005: 469-70)

Nesta capacidade de condensar numa dúzia de versos, à maneira dos imagistas, um momento revelador ou múltiplas recordações, reside o talento deste poeta caminhante.

A viagem foi recheada de outros imprevistos. Levitin narra um deles, ocorrido em Santa Bárbara:

Ao atravessarmos a região descrita por Steinbeck, nas proximidades de Monterey, encontramos um celeiro onde se amontoam dez mil livros velhos. O proprietário, um homem grande, com físico de lavrador, quando sabe que Eugénio é poeta, corre até casa e volta com um grande sorriso, entregando-lhe fotocópias de um poema que escreveu acompanhado pela tradução espanhola. Eugénio agradece ao homem e observa caridosamente que a poesia exige “trabalho e mais trabalho[,] muito trabalho”. (Levitin, 1989: 14)

Ao longo da viagem, outros poetas envergonhados, desde uma empregada de hotel a jovens ambiciosos, viriam a prender Eugénio com as suas primícias. Tendo em conta que o escritor rejeitava, por vezes, e sem a mínima cerimónia, os livros que os autores menos experientes lhe ofereciam, podem sentir-se honrados. Tal é, aliás, revelador de um comportamento dúplice de Eugénio, muito notado no seu círculo de amigos: em Portugal, declinava com frequência, entrevistas, encontros literários, ou idas à televisão; porém, nos Estados Unidos, procura encaixar entre as datas da *tournee* os convites culturais para jantares e sessões de leitura (Levitin, 1989: 14). Talvez porque, no estrangeiro, o visitante procura, regra geral, agradar aos anfitriões, e se molda às expectativas destes.

Já noutros aspetos, Eugénio difere de um viajante típico, até pela sua cultura e sensibilidade atenta aos pormenores mais discretos. Para a generalidade dos turistas estivais, o

trajeto diário inclui mais facilmente um aquaparque do que um monumento, e se as discotecas chegam a lotar, o mesmo não acontece com um museu ou galeria. Hodiernamente, as viagens tendem a ser pacotes promocionais, de tal modo mapeadas e sujeitas a um calendário que o espaço e o tempo para a descoberta de si e do Outro é mínimo. Toda a informação é digerida por um(a) guia solícito e sorridente que, ao subtrair o risco de nos perdermos ou a oportunidade para cavaquearmos com os habitantes locais, nos priva também do mais elementar prazer do viajante: a revelação de uma história curiosa, ou de um recanto que não teve a honra de figurar num guia da Lonely Planet. Diferentemente, Eugénio aprecia o convívio com outros escritores, trocando com eles toda a sorte de ideias. Ao mesmo tempo, admira a arte, sobretudo a monumental e a pictórica. Ciente desta preferência, Levitin propõe, em Mineápolis, um itinerário diferente:

No dia seguinte, visitamos os museus, admiramos um quadro de cores berrantes, pintado por Francis Bacon, passeamos por um jardim-museu de escultura fundado há pouco tempo, onde apreciamos obras de Moore, Calder e Giacometti, visitamos o Guthrie Theater, o primeiro teatro de província que foi fundado na América (...), passeamos entre arranha-céus de vidro brilhante e percorremos o labirinto de pontes e passagens envidraçadas, suspensas por cima das ruas. (Levitin, 1989: 14)

Desse contacto com a arte, a poesia detém, como é óbvio, primazia para Eugénio. Por vezes, o viajante, reencontra numa “terra incógnita”, expressão latina usada pelos navegadores, traços daquilo que conhecia e estimava a uma distância espaço-temporal. Foi o que sucedeu quando o poeta peregrino visitou lugares associados a duas vozes antigas que há muito sussurravam nos seus versos — Herman Melville (1819-1891) e Walt Whitman (1819-1892) —, e ainda aos escritores Henry Miller (1891-1980), e ao amigo Jorge de Sena (1919-1978).

De todos estes, o bardo de Brooklyn merece-lhe uma estima literária particular, como evidenciam os diversos poemas em que Eugénio o menciona (com destaque, desde logo, para “Walt Whitman e os Pássaros” ou “O Rapazito de York”), e ainda a dezena de referências elogiosas que lhe tece na sua obra em prosa. O escritor português chega ao ponto de confessar: “(...) em Whitman não foi só a poesia que me seduziu, foi também a personalidade, que é inseparável de quanto o poeta escreveu” (Andrade, 1995: 184). Não surpreende portanto que, após visitar a casa desse escritor e a de Melville, Eugénio afirmasse:

(...) qualquer um destes homens teve na minha vida uma importância que pouquíssimos mais tiveram. Qualquer das casas preserva, de várias maneiras, a imagem de quem as habitou, imagem que tive oportunidade de ampliar com estadas em New Bedford (cidade que

serviu de modelo a *Moby Dick*, e onde há um curiosíssimo Museu da Baleia), e em Camden, onde no velho cemitério se encontra Whitman, rodeado pela família, em túmulo que ele próprio desenhou. (Andrade, 1993: 27)

Ainda a este propósito, Levitin recorda que, a convite de George Monteiro, professor na Universidade de Brown, Eugénio visita a coleção de livros raros e tem o privilégio de tocar numa edição original de *Leaves of Grass*. Este momento é precioso do ponto de vista literário e pessoal, por constituir o reencontro de um poeta com uma das suas influências mais nítidas (Levitin, 1989: 14).

3. No desfazer das malas

O melhor das viagens é sempre essa salutar perturbação, resultado da diferença de lugares, costumes, línguas, mitosofias e identidades, essenciais para definir o Outro e o Si Mesmo. Os Estados Unidos da América, tanto pela vocação multiétnica e multicultural, que ao longo dos tempos tem impressionado tantos viajantes, como pelo perfil de sociedade, não podiam deixar Eugénio indiferente, pela positiva e pela negativa. Mal chega ao aeroporto de Pedras Rubras, Eugénio resume a um jornalista as impressões dessa nação em dois adjetivos: “fascinante” e “bárbaro”. Fascinante, a paisagem da costa do Pacífico e da Nova Inglaterra; bárbara, a agressividade e o fraco nível cultural de numerosos norte-americanos (Andrade, 1995: 188).

Por certo, bem mais terá ficado a Eugénio desta longa viagem recheada de descobertas, reencontros e imprevistos. De facto, na mesma entrevista, recolhida em *Rosto Precário* (1995), quando lhe perguntam o que mais apreciou, o poeta dá uma resposta surpreendente:

Dos esquilos. Encontrei-os em toda a parte, desde a primeira manhã da Califórnia (“Mira, las ardillas!”, dizia-me um amigo mexicano, no seu jardim de Menlo Park), até às últimas horas americanas, junto às cataratas do Niágara. São uns animaizinhos graciosos e esquivos, saídos de uma écloga de Virgílio; espero que algum deles venha a entrar num poema meu, e nele se sintá em casa. (Andrade, 1995: 187)

Eugénio refere-se ao texto “Washington Square”, que tive a oportunidade de transcrever na íntegra, e onde alude também a Whitman. Finda a viagem pelos espaços, começara a odisseia através das palavras — um país que o escritor conhece como poucos e no qual se pode caminhar, sílaba a sílaba, até à eternidade. Porque, segundo o provérbio latino, “Discere, id est, peregrinari”.

Bibliografia

- Andrade, Eugénio de. *À Sombra da Memória*. Porto: Fundação Eugénio de Andrade, 1993.
- . *Rosto Precário*. 6ª ed. revista e acrescentada. Col. Obra de Eugénio de Andrade, 14. Porto: Fundação Eugénio de Andrade, 1995.
- . *Poesia*. 2ª ed. revista e acrescentada. Posfácio de Arnaldo Saraiva. Porto: Fundação Eugénio de Andrade, 2005.
- Cristóvão, Fernando. “Introdução: Para uma Teoria da Literatura de Viagens”. *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens: Estudos e Bibliografias*. Lisboa: Cosmos/Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa, 1999. 13-52.
- Cunha, Paulo Ferreira da. *Lusofilias: Identidade Portuguesa e Relações Internacionais*. Porto: Caixotim, 2005.
- Disney, Anthony. “Navigating Literary Waters: Truth, Lies and Representations in Sixteenth and Seventeenth Century Portuguese Travel Literature”. *Literatura de Viagens: Narrativa, História, Mito*. Org. Ana Margarida Falcão, Maria Teresa Nascimento, e Maria Luísa Leal. Lisboa: Cosmos, 1997. 121-134.
- Krysinski, Wladimir. “Discours de Voyage et Sens de L’Altérité”. *A Viagem na Literatura*. Coord. Maria Alzira Seixo. Lisboa: Europa-América, 1997. 235-240.
- Levitin, Alexis (1989) “Eugénio on the road”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. 340: 14-15.
- Lewis, Peirce. “America’s Natural Landscapes”. *Making America*. Ed. Luther S. Luedtke. Washington: Forum Series, 1987. 41-67.

Resumo

Em 1989, o poeta português Eugénio de Andrade, na companhia de Alexis Levitin, o seu tradutor norte-americano, empreenderam uma viagem de cinco semanas através dos EUA, de costa a costa, de avião e automóvel. O objetivo de Eugénio não era apenas conferenciar e divulgar o seu trabalho literário, em diversas universidades e outras instituições culturais, mas também visitar os locais de culto onde viveram alguns dos seus poetas favoritos, nomeadamente Walt Whitman. Desse misto de viagem e peregrinação resultou um curioso e provocante cotejo de culturas, modos de viver e literaturas, que Eugénio de Andrade registou no apontamento biográfico “Uma Casa para a Poesia”, coligido no volume *À Sombra da Memória* (1993); numa entrevista publicada em *Rosto Precário* (1995); e em diversos poemas. Por sua vez, Levitin

anotou num artigo de carácter diarístico, intitulado “Eugénio *On the Road*”, e publicado em exclusivo no *JL*, as reações e comentários de Eugénio. Com base nesses textos, o meu artigo analisa a visão de um poeta que transformou a página num espaço de diálogo intercultural e literário entre o nosso país e os EUA.